



Hal Foster

Denilson Lopes

Em entrevista concedida em junho de 2005, o professor da Princeton University e um dos mais importantes críticos de arte moderna e pós-moderna dos Estados Unidos, Hal Foster, faz comentários esclarecedores sobre o pós-modernismo, o simulacro, o retorno do real, a estética, bem como a respeito de seus últimos livros – *Design and Crime*, *Return of the Real*, *Compulsive Beauty* e *Prosthetic Gods*.

“um real que pode tanto perfurar a representação quanto estilhaçar a simulação”

Denilson Lopes: Ao final de O retorno do real, o Sr. reconsidera o pós-modernismo, julgando-o uma estratégia crítica fora de moda. Ainda é possível falar do pós-modernismo como uma estratégia crítica, ou ele está definitivamente encerrado no debate intelectual dos anos 80?

Hal Foster: Não julgo o “pós-modernismo” como fora de moda. Outros críticos podem considerá-lo; assim o julgam, para início de conversa, porque o enxergaram apenas como um estilo, um estilo híbrido que podia ser encontrado no cinema, na música, na comida, na arte, e assim por diante. Para mim, o pós-modernismo é um termo crítico, e não estilístico, e se refere a uma posição que busca ir além do modernismo, que se tornou acadêmico e oficial. (O que o modernismo é varia de acordo com o lugar e o tempo.) Dependendo do contexto, tendo a oscilar entre duas considerações sobre o pós-modernismo. A primeira está associada ao filósofo francês Jean-François Lyotard, para quem o pós-modernismo estabelece periódicas renovações do modernismo (podemos estar testemunhando esse tipo de renovação agora, duas décadas depois da discussão sobre o pós-modernismo). A segunda está associada com o crítico norte-americano Fredric Jameson, para quem o pós-modernismo é

uma forma de periodizar as transformações culturais em relação às mudanças econômicas. Em outras palavras, serve para apreender um novo momento na longa história da modernização capitalista.

Em Recodings, talvez mais do que em seus outros livros, o Sr. ressalta as relações entre arte e mídia. Acredita que, na linha do que alguns teóricos chamam de uma “estética da comunicação”, seria importante conceber uma estética para a contemporaneidade, que, sem repetir a tradição que vem do século 18, constituiria uma alternativa para os Estudos Culturais?

Tenho minhas dúvidas sobre o termo “comunicação” porque assume uma “comunidade” e uma comunidade não pode ser diretamente constituída por qualquer forma de mídia, seja ela nova ou velha. E quanto às “novas mídias”, bem, a história está cheia de “novas mídias” e estou mais interessado num tipo de dialética, isto é, entre nova e velha mídia, da nova mídia quando ela se torna fora de moda, do que em qualquer celebração futurista de novas técnicas em si mesmas. Também estou interessado em uma “estética” – no sentido original da palavra, uma ciência filosófica da percepção – da mídia e da tecnologia na medida

em que elas transformam a percepção. Eis aí uma forma de “estudos culturais” que endosso.

Poderia fazer uma comparação entre a simulação e o retorno do real? São eles os dois lados duma mesma moeda ou marcam definitivamente estratégias diferentes?

O simulacro é cópia com um original óbvio, uma representação sem um referente óbvio. Mesmo que possa parecer semelhante ao mundo, o simulacro tende a *desrealizá-lo*. Minha noção de “retorno do real” é muito diferente: o real, aqui em questão, é um real traumático, um real que pode tanto perfurar a representação quanto estilizar a simulação, exatamente porque é traumático. Parte do argumento de meu livro *The Return of the Real* é que, enquanto muitos artistas (especialmente nos anos 1980), estavam fascinados pelos efeitos do simulacro, alguns artistas (especialmente nos anos 1990) estavam interessados por essa outra e traumática realidade, que desafia o lugar comum do pós-modernismo, que diz que tudo é uma representação, tudo é um texto. (A trajetória por duas décadas do trabalho de Cindy Sherman pode exemplificar o que estou querendo dizer.)

Na atual cultura brasileira, muitas vezes o mote “retorno do real” vem sendo relacionado a uma tradição que viaja de volta ao Naturalismo. Acredita que a perspectiva lacaniana que o Sr., Zizek e outros teóricos defendem, pode auxiliar na compreensão dessa outra genealogia?

Minha noção de “retorno do real” tem, de fato, inspiração lacaniana. Este sentido traumático do real pode ser ainda percebido em alguns velhos realismos, ou pelo menos por ocasião de sua recepção inicial - pense em como os primeiros espectadores de Courbet ou Manet reagiram a seus quadros. Mas no momento preciso em que práticas se tornam codificadas como *realismos*, o real no seu sentido traumático é perdido. Por outro lado, o realismo codificado se torna alvo duma possível ruptura deste outro real. Eu vejo como esse processo está sendo trabalhado por todos os lados na arte de Andy Warhol.

O Sr. estaria mais próximo de uma ótica das neovanguardas? Refiro-me em particular ao Minimalismo, tão caro a vários críticos de sua geração. O que o Minimalismo pode nos dizer num mundo tomado pelas imagens?

Como o “pós-modernismo”, a idéia de “neovanguarda” não orienta mais o sentido de uma prática artística ou crítica (como eu proponho no último capítulo de *Design and Crime*). Cada vez mais há uma desconexão entre o

moderno e o contemporâneo. Mesmo quando o “pós-modernismo” e “a neovanguarda” procuram distinguir os dois criticamente, também trabalham no sentido de mantê-los atados um ao outro. Repetindo-me: uma grande brecha abriu-se entre o moderno e o contemporâneo. Veja como o século 20 é ensinado em muitas universidades, ou apresentado em grandes museus. Há uma enorme divisão entre o cânone modernista e as obras recentes no Museu de Arte Moderna de Nova York.

Poderia falar um pouco sobre seu último livro, Prosthetic Gods (2004). É uma volta ao seu interesse pelas vanguardas modernas como em seu livro sobre o Surrealismo, The Compulsive Beauty?

Prosthetic Gods lembra e desenvolve alguns temas de *Compulsive Beauty*, meu livro sobre o Surrealismo, em particular os relacionados aos mitos-de-origem e modos de subjetividade na arte do século 20. *Prosthetic Gods* é mais geral no tratamento das questões, embora apresente vários estudos de caso sobre a relação entre modernismo e psicanálise, que vão desde a arte primitivista de Gauguin e Picasso até as instalações estranhamente familiares [*uncanny*] de Robert Gober.

O que está escrevendo agora?

Com meus colegas Rosalind Krauss, Yve-Alain Bois e Benjamin Buchloh, da revista *October*, publiquei recentemente um longo estudo panorâmico sobre a arte do século 20, intitulado *Art since 1900: Modernism, Anti-Modernism, Postmodernism* (Thames & Hudson). Ele nos tomou quase uma década de trabalho, mas esperamos que os leitores pensem que tenha valido a pena esperar. Também co-editei um amplo livro de textos e imagens sobre a cultura pop que deve ser publicado até o fim do ano (pela Phaidon). Em andamento no momento, tenho dois projetos de livros. O primeiro examina estratégias artísticas de sobrevivência - do Dada até o Pop e além - num século catastrófico. O segundo se detém no problema do arbitrário na arte moderna. Quem sabe quando (e se) serão concluídos. Também continuo a escrever crítica, sobretudo para a *London Review of Books*, *October* e *Artforum* (um artigo sobre o *Kitsch* na era Bush acabou de sair na LRB*). Para mim, é crucial a dialética entre escrita crítica e histórica.

*Ver texto que antecede esta entrevista.

